

Com a carne mais cara, brasileiros passam a consumir mais feijão

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Inflação faz o consumo da proteína animal cair e brasileiros mudam o cardápio, substituindo o produto e, inclusive, aumentando o uso da leguminosa no prato. RAPHAEL PATI* Isabel Dourado* (crédito: Isabel Dourado) Nas prateleiras dos supermercados, o preço dos alimentos e, principalmente, o da carne bovina não param de subir. A proteína animal tem se tornado cada vez mais inacessível para ir à mesa das famílias brasileiras, que são acostumadas ao tradicional arroz, feijão e bife. O jeito, devido à carestia, tem sido mudar o cardápio, reduzindo o consumo da carne vermelha, ou até mesmo tirando de vez esse item do prato, e, no lugar, colocar uma concha a mais de feijão. Em 2020, o consumo de carne bovina registrou queda de 10%, na comparação com o ano anterior. Esse dado representou a maior redução em 16 anos, conforme um estudo feito pelo especialista de consultoria agrícola do Itaú Unibanco, Cesar de Castro Alves. Levantamento do Datafolha aponta que 85% dos entrevistados diminuíram o consumo de algum alimento em 2021. Desse total, 67% reduziram o consumo de carne vermelha. É o caso do motorista José Pacheco da Silva, 47, que cortou drasticamente a compra de carne. "Caiu uns 50% o consumo e a frequência também. Tenho tentado substituir a carne bovina por frango, porco e ovo. Eu compro muito feijão, mesmo estando mais caro agora", explica o morador da Estrutural. Moradora do Recanto das Emas, a aposentada Terezinha Bezerra, 70 anos, vem sentido o impacto da alta dos preços da carne e também procura a substituição quando o orçamento aperta. "A gente não deixa de comprar carne mesmo cara, porque não pode ficar sem, né? O preço está um absurdo não só da carne, mas de tudo. Às vezes, a gente troca a carne pelo frango, uma verdura e, assim, vai levando a vida. O feijão não pode faltar, mas a carne também não", afirma. Especialistas reconhecem que a queda de consumo de carne bovina e a substituição por outros alimentos ocorrem devido aos altos preços dos alimentos e ao desemprego elevado. Com a inflação batendo recordes, a desigualdade aumenta e os mais pobres são os que mais sentem essa carestia desenfreada. E essa mudança é uma rotina na vida do açougueiro Edilson Damasceno, 45, que observa diariamente uma tendência dos consumidores em substituir a carne vermelha pelas aves e, para não deixar de ter uma proteína no prato, alguns optam por opções mais acessíveis, como a carne moída. "Os clientes estão trocando a carne bovina por frango. Ainda que elas também tenham aumentado o preço, não estão tão caras quanto a carne bovina. O que mais aumenta as vendas aqui é a carne moída. Ela está vendendo bastante, porque é mais barata e vem em menor quantidade, em uma bandeja pequena. E, aí, os clientes fazem essa troca", conta Damasceno. Pobreza No ano passado, 27,6 milhões de brasileiros estavam na pobreza, segundo o último levantamento realizado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social). Ou seja, 13% das pessoas no país encerraram 2021 vivendo com até R\$ 290 por mês, o maior patamar desde 2012. "Uma parte do aumento dos preços da carne vem do custo das rações, que também está subindo. Outra explicação está no preço do frete. Sabemos o quanto o diesel ficou mais caro e toda a produção agrícola é escoada para os centros urbanos em cima dos caminhões. Então, uma parte desse frete mais caro se materializa em aumento no preço final para o consumidor", afirmou André Braz, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre). Outro fator que influencia a carestia da carne, segundo o economista do FGV Ibre, é a exportação. "Digamos que aqui as rações fiquem baratas e o frete já não seja mais um problema. Se o país está exportando muito para outros países, diminui a oferta de carne no mercado brasileiro e isso faz com que o preço suba. Então, essa dinâmica de exportação é algo importante que a gente deve ter sempre no radar", explica. Braz lembrou que, em 2021, foram exportadas pouco mais de um milhão e meio de toneladas de carne, gerando uma receita para o país de aproximadamente US\$ 8 bilhões. Desse total, quase a metade, 49%, da carne exportada

pelo Brasil, no ano passado, teve como destino a China. O país asiático ainda chegou a suspender, por alguns meses, a compra da carne brasileira, devido às suspeitas de casos da doença "vaca louca" nos bovinos, o que ajudou a evitar uma disparada ainda maior nos preços em 2021. Orçamento apertado Para Rodrigo Stuckert, economista da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, "com a inflação em alta e o desemprego ainda persistente, as famílias têm enfrentado um orçamento mais apertado, diminuindo o consumo de carne bovina". Ele explica que a alta recente do custo desse alimento também tem relação com a guerra na Ucrânia, que aumentou os preços do milho e da soja, que representam boa parte dos custos de produção dos rebanhos, por meio da ração composta por esses cereais. Segundo levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o preço da carne vermelha aumentou, em média, 9,98%, durante o ano passado. As outras proteína que poderiam ser substitutas da carne bovina também sofreram alta. O preço dos ovos, por exemplo, disparou em 24,8%. No entanto, de acordo com dados da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), mesmo com esse forte aumento dos preços, o consumo do ovos de janeiro a agosto de 2021, foi quase 20% superior ao das proteínas provenientes do boi. Alternativa nutricional vantajosa Quando se converteu ao protestantismo e começou a frequentar uma pequena igreja evangélica na periferia da Grande Vitória, mais de 30 anos atrás, a então camelô Jacqueline Moraes teve seu primeiro contato com a palavra "feminismo". Ouviu de pastores e vizinhos que a mulher evangélica deveria ser contra o feminismo porque o movimento prega "a superioridade da mulher sobre o homem" e que essa era uma "bandeira da esquerda". A mensagem, distorcida, a acompanhou até que decidiu entrar para a política como representante dos vendedores ambulantes. "Deus não nos fez diferentes, e o feminismo prega justamente a igualdade, não quer ser maior ou melhor do que ninguém", disse a ex-camelô que, hoje, ocupa o cargo de vice-governadora do Espírito Santo, eleita em 2018 pelo PSB. Jacqueline representa a parcela mais expressiva desse eleitorado: ela é negra e cresceu na periferia de Cariacica, a cidade com renda per capita mais baixa da região metropolitana de Vitória. Com um detalhe: o marido abraçou o bolsonarismo nas últimas eleições. Ao Correio, ela conta que, ao entrar para a política, teve dificuldade de reunir mulheres evangélicas para falar de política, mas percebeu que havia espaço para discutir as questões que mais as afligiam em suas comunidades. "Temos de tirar essa ideia de que só há a pauta identitária na agenda evangélica. Mulheres têm capacidade de olhar além e são as primeiras a serem afetadas pelos problemas do dia a dia, como os decorrentes da crise econômica, a alta dos preços. Essa é a pauta que precisa ser conversada com as mulheres evangélicas", ressalta. Jacqueline critica líderes religiosos que usam a igreja para fazer proselitismo político e propagar o que chama de "ideologia bolsonarista". "É um desserviço um líder falar o que pensa sobre política para uma mulher que vai à igreja por causa dos seus problemas reais, cotidianos. A fé sincera das pessoas não pode ser desvirtuada por uma ideia totalitária e mentirosa de sociedade", reprova. Ela explica, porém, que a classe política, em geral, não consegue entender direito a mulher crente, que tem na família e na igreja os pilares fundamentais das relações sociais. São mulheres que não costumam declarar apoio explícito a candidatos ou partidos, mas que estão muito preocupadas com a educação e o futuro dos filhos, com o emprego, com a preço da comida. "É preciso ouvir mais as dores dessa mulher", aconselha. (Por Vinícius Doria) *Estagiários sob a supervisão de Rosana Hessel

Utilizamos cookies essenciais e tecnologias semelhantes de acordo com a nossa Política de Privacidade e, ao continuar navegando, você concorda com estas condições.

